

A casa que acolhe: etnografia de uma casa de acolhimento para pessoas LGBT's

Jesser R. de Oliveira Ramos

Mestrando em Antropologia

Universidade de São Paulo

No texto que se segue tenho como objetivo descrever as relações de *afeto*, de *amizade* e de *cuidado* que são estabelecidas entre os moradores e moradoras da república de acolhimento da Casa 1. Trata-se de um primeiro exercício de escrita sobre minha pesquisa de mestrado iniciada esse ano. No recorte inicial da pesquisa, as duas questões que pretendo analisar são (i) que dinâmicas e processos compõem a Casa 1 em meio às múltiplas relacionalidades que são construídas entre a Casa 1 e seus habitantes e entre a Casa e o espaço que a rodeia, bem como (ii) que formas de fazer política são fabricadas pela Casa durante a realização de suas atividades. Nesse texto, de forma inicial e provisória, a ideia é descrever as relacionalidades produzidas na Casa, deixando a segunda questão pra um outro momento.

A Casa 1 é um centro cultural e uma república de acolhimento que ajuda pessoas LGBT's expulsas de casa por suas famílias devido às suas orientações sexuais e suas identidades de gênero. Esse projeto surgiu em 2015 a partir de uma iniciativa do *jornalista e ativista das causas dos direitos humanos* Iran Giusti. Por meio de uma postagem em sua rede social Giusti ofereceu o sofá da sua casa para acolher quem não tinha lugar para ir e, após uma grande quantidade de pedidos, a Casa 1 foi criada. Sua inauguração foi realizada após ele conseguir arrecadar 112 mil reais por meio de financiamento coletivo. Esse financiamento é realizado através de uma plataforma digital chamada Benfeitoria e é o que sustenta a maior parte dos gastos do projeto atualmente. O restante do dinheiro para a manutenção da Casa é obtido por meio de editais públicos e pelo apoio financeiro de empresas privadas.

A Casa é localizada na Bela Vista, região central da cidade de São Paulo e atualmente ela têm dois espaços físicos: o sobrado onde o projeto foi implantado inicialmente e o galpão que foi inaugurado em outubro de 2017. No sobrado está localizado, na parte superior, a república de acolhida que recebe as pessoas que foram expulsas das casas de suas famílias. Na parte inferior do sobrado há mais três espaços, onde ocorre as atividades do centro cultural: a biblioteca comunitária Caio Fernando de Abreu, um espaço aberto que é frequentado pela vizinhança e pelos moradores da república e onde ocorre o clube de leitura feminista e as aulas de inglês para crianças; a sala destinada para o curso de costura para pessoas transgêneros, realizado pelo coletivo de economia solidária Trans Sol¹; e a sala dos paliativos, onde são distribuídos roupas e produtos de higiene pessoal para as pessoas em situação de rua.

O galpão fica há três quadras do sobrado. É um espaço amplo que tem uma grande sala central, três salas do lado esquerdo onde são realizadas as atividades do centro cultural e um ateliê e uma cozinha do lado direito. A sala central é repleta de objetos, decorações, pinturas, papéis informativos, que foram produzidos nas atividades educacionais, artísticas e culturais realizadas pela Casa. Na parte superior do galpão, há mais duas salas onde são feitos os atendimentos psicossociais aos moradores e moradoras da república de acolhimento, realizados pelas psicólogas, pela coach e pela assistente social que são voluntárias da Casa 1. São esses espaços que buscam construir a Casa 1 como um lugar de *pertencimento*, de *segurança* e de *diálogo* tanto para os moradores e moradoras da república, como para as pessoas que frequentam o centro cultural.

Para que esse espaço seja construído dessa forma, há um exercício espacial permanente de tornar a Casa 1 um *lugar visível e aberto*. Isso faz com os espaços que eu

¹ Sandra, uma das organizadoras do coletivo, me disse que esse projeto funcionava anteriormente numa Incubadora Pública de Economia Solidária e atendia cerca de 40 mulheres trans e travestis. Na troca da administração da prefeitura do então prefeito Fernando Haddad (PT) para João Dória (PSDB), o convênio não foi renovado e o projeto perdeu o espaço e o financiamento para a continuação do projeto. Foi então que, segundo me disse Sandra, “que a Casa 1 nos acolheu e cedeu esse espaço para a continuação do projeto”. Devido o espaço reduzido, atualmente os organizadores do Trans Sol conseguem dar aula para apenas 4 pessoas por aula.

descrevi acima sejam lugares de circulação constante de pessoas². Esse exercício é um modo de produzir diálogos e relações de *segurança* e *comunidade* com a vizinhança, para que ela reconheça a Casa 1, especialmente seus moradores e moradoras, como pertencente aquela região. Conforme disse Bruno, um dos organizadores da Casa 1, no curso de formação para voluntários³:

“ o centro cultural da Casa 1 é um espaço aberto para a rua. O nosso exercício parte de dois objetivos bem claro. Primeiro, criar um espaço de segurança para a vizinhança. O exercício é entender como é que a gente cria diálogo com os vizinhos, como que a gente estabelece um reconhecimento desse equipamento e desse espaço. E assim fazer com que o projeto seja reconhecido como pertencente à essa comunidade. Sobretudo, o desejo é de criar um espaço de segurança para que as moradoras e moradores da república possam ir na padaria e não sejam agredidas, por exemplo. Que essas pessoas sejam reconhecidas como membros parte dessa vizinhança. O segundo objetivo do centro cultural é fazer trabalho de base para que a gente crie um espaço de diálogo possível com todos os públicos que tentamos acolher. Desse modo, realizamos todas atividades do centro cultural pensando nas demandas dos moradores e moradoras, da vizinhança, das crianças, do público que frequenta esses espaços”.

Por meio desses dois objetivos do centro cultural, a Casa 1 busca construir um sentimento de *pertencimento* e relações de *cuidado* e *segurança* entre seus moradores e moradoras da república e a comunidade externa. De modo provisório, argumento que o exercício de se relacionar com o que vem de fora, é um modo de construir a “casa” como um lugar que estabelece cotidianamente, como argumentado por Alves (2016), relações com o mundo. Em sua estratégia de se relacionar com o mundo, o centro cultural funciona como, segundo me disse Bruno, “um modo de territorialização utilizado para que as pessoas vizinhas reconheçam tanto as pessoas acolhida como o espaço da Casa 1”. Para que a *territorialização* ocorra todas as atividades produzidas

² A biblioteca comunitária e a sala que distribui os paliativos são os lugares que eu fico com mais frequência. A escolha por esses lugares se deu pelo fato de serem os lugares onde os moradores e moradoras e os ex-moradores e moradoras da Casa mais frequentam. Isso tem me permitido estabelecer relações mais próximas com eles e elas.

³ Esse curso é realizado mensalmente no galpão da Casa 1 com o intuito de formar novos voluntários que desejam fazer parte das atividades vinculadas ao centro cultural.

nos diferentes espaços da Casa são pensadas como uma *política de porta aberta*. Uma política que tem como desafio, de acordo com Bruno, a fabricação de um “espaço de liberdade e diálogo que precisa ser plural e diverso. Por isso, a presença das crianças, por exemplo, é importante pra gente. A gente deseja que elas reconheçam esses espaços como um lugar para elas também”.

Nessa relação com a *rua*, ou com o mundo, que se produz um sentido de acolhimento para além do acolher as pessoas que sofreram o processo de expulsão. A *política de porta* promove o *acolhimento* de múltiplos públicos. Esse acolhimento de múltiplos públicos na realização das atividades é uma estratégia fundamental utilizada pela Casa para que “todo mundo se sinta abraçado” e como uma forma de “criar um processo educacional para as pessoas no contato com o espaço”. Esse processo de educação é intensamente pensado pelos organizadores da Casa no desenvolvimento de todas as atividades. Tanto numa atividade de ioga como no curso de línguas, o exercício é produzir um *panorama de diversidade* e uma *noção de diversidade* que ajudem a pensar procedimentos e conversas educativas entre os moradores e moradoras da república e entre os outros públicos.

Desse modo, essa noção *acolhimento* é enunciada para explicitar uma série de estratégias políticas de produção de *pertencimento* e *segurança* que envolvem seus moradores e moradoras, sua vizinhança, seus voluntários/as e mais outras pessoas em relações cotidianas. Nesse sentido, é possível dizer, que a Casa 1 e sua política de *abertura* e *visibilidade*, é um local que promove a “reunião de vidas, e habitá-la é se juntar a ela” (Ingold, 2012, p.30) em múltiplos processos dinâmicos. Processos que buscam promover inúmeras relacionalidades de *afeto*, *pertencimento*, *cuidado* e *reconhecimento* entre um público múltiplo que co-habitam os espaços da Casa.

É a feitura desses vínculos com o exterior que compõe a noção de *acolhimento* enunciada pelas pessoas que trabalham na casa. Diana, coordenadora do espaço do paliativo, me explicou que “são os vínculos que estabelecemos com os vizinhos e com a população em situação de rua” que ajudam a Casa estabelecer uma *relação de igual para igual* com as pessoas. Ela me contou que também tinha sido expulsa de casa por ser travesti e que “abrir o diálogo com a vizinhança dos cortiços e com a população em

situação de rua é um modo de acolher essas pessoas que estão tão vulneráveis quanto nós”. São por meio desses *vínculos* e desse *diálogo* que se produz um possibilidade de existir em conjunto, ou como me disse Dani, “é assim que a vida segue, que segue o bonde, pela conversa constante com as pessoas”. Dessa forma, é por meio desses *diálogos e vínculos* que a Casa 1 busca ser, conforme dito por Bruno, um “espaço mais próximo de uma praça do que de uma prisão”.

Essas imagens, a *praça* e a *prisão*, são especialmente interessante para pensar os espaços do centro cultural e o espaço da república de acolhimento. Como busquei descrever acima, os espaços do centro cultural são construídos como lugares *visíveis e abertos* com o objetivo de produzir relações *de pertencimento e segurança* com o que é exterior a Casa. Nesse sentido, a imagem da praça evocada, nos mostram o exercício cotidiano da Casa de se produzir como um lugar que pode ser co-habitado por uma multiplicidade de pessoas, corpos e fluxos de informações. A prisão funciona aqui como uma antítese dessa imagem da praça. Essas relações que compõem a casa, tornam-a, como sugere Ellen (1986), um espaço em contínua construção dotado de inúmeros processos vitais e interpenetrado por inúmeros níveis de significados. A ideia de *acolhimento* evocada, portanto, nesses espaços do centro cultural é um modo de produzir possibilidades de co-habitar e co-existir em um mundo compartilhado.

Contudo, as imagens da *prisão* e da *praça* não são podem ser utilizadas para explicitar as relacionalidades que são produzidas no espaço da república de acolhimento. Como mostrarei ao longo do texto, as relações estabelecidas entre os moradores e moradoras estão envolvidas em uma economia do cotidiano que ocorre no interior da república e que são estendidas para fora dela. O ponto aqui é mostrar que a ideia de *acolhimento* envolvida na república é composta por ideias de *proteção, privacidade, vínculos e responsabilidade*. Diferente dos espaços do centro cultural, o espaço da república não pode ser frequentado por ninguém que não seja seus moradores e moradoras. Nem mesmo os organizadores da Casa 1 sobem nesse espaço. A única pessoa que autorizada para habitar esse espaço é a Dona Maria, a assistência social da Casa.

Como me disse Bruno, a restrição desse espaço à pessoas externas é uma “tentativa de que eles e elas construam um espaço que sejam deles, que eles se sintam seguros, que eles tenham privacidade, que sejam a casa deles”. O exercício aqui é produzir uma convivialidade e uma domesticidade que produzam vínculos entre os moradores e moradoras da república e entre esses moradores/as e a Casa 1. Os moradores e moradoras da Casa tem entre 18 e 25 anos e atualmente eles são 15 pessoas. Os organizadores costumam dar prioridade às pessoas que já estão vivendo na cidade de São Paulo, por se tratar de uma cidade *muito cara e muito violenta* e que, por isso, a Casa acaba sendo um espaço que “as pessoas buscam para sobreviver”. Contudo, é muito comum pessoas aparecerem na Casa vinda de muitos lugares distantes do país. Na semana que eu comecei realizar meu trabalho de campo, havia chegado duas travestis vindas do Recife que vieram sem avisar e acabaram sendo acolhidas.

Após mandarem mensagem via facebook ou e-mail, ou mesmo aparecerem na Casa, as pessoas passam por um processo de triagem realizados pelos *grupo de trabalho* de atendimento psicossocial - composto pela assistente social, médicos e psicólogas. Essa equipe, segundo me explicou Bruno, constroem um *panorama* com várias perspectivas do caso de cada pessoa. Essa triagem, feita semanalmente, é o que possibilita que eles “acompanhem esse sujeito” para “melhorar a situação de vida deles”. É por meio desse procedimento que eles reconhecem o modo que podem “ajudar todo mundo”. No caso de pessoas com necessidades clínicas, eles buscam vincular os moradores e moradoras aos equipamentos públicos - às Unidades Básicas de Saúde (UBS). Esses vínculos são feitos com a ajuda de uma rede de apoio que a organização da Casa 1 estabeleceu para conseguir acessar os quitamentos públicos. No entanto, eles não encaminham para qualquer equipamento público, são lugares específicos que eles sabem que as pessoas serão atendidas de *forma humana, segura e não vexatória*.

Há também outros dois *grupos de trabalho* que atendem as e os moradores da república de acolhimento: o grupo de direito e o grupo de trabalho de empregabilidade. O grupo de trabalho de direito fornece ajuda e suporte jurídico aos e às moradoras da Casa. Essa ajuda engloba desde alteração de nomes até casos trabalhistas ou familiares. O grupo de empregabilidade fornece ajuda para a produção de currículos e orientação para a busca de trabalho e formação profissional. Junior, o coordenador desse grupo,

tem uma rede de contatos que ajudam os moradores/as conseguirem empregos, sejam eles temporários ou com registro. Além disso, é muito comum que os organizadores da Casa, ao serem contatados por empresas interessadas em estabelecer parcerias com o projeto, pedirem para que eles ofereçam possibilidades de empregos para os moradores/as. O esforço desses grupos de trabalho é, segundo me disse Bruno, “tentar reconhecer o modo que a gente pode contribuir pro desejo desses sujeitos. Como que a gente pode ajudar para que essa pessoa atue com o que ela tá afim”.

Desse modo, o *acolhimento* na república é um exercício que busca construir um *espaço seguro e privado* para que seus moradores e moradoras construam “um modo de vida possível”. Como explicou Bruno, num curso de formação de voluntários, “o desafio da equipe é conseguir ajudar as pessoas realizarem seus desejos de vida. É importante pra gente saber o que significa esse projeto de vida e como a gente pode atuar pra contribuir por cada um e cada uma”. A importância desse respeito pelos *desejos* das pessoas é o que define “o projeto que a gente entende de atendimento de assistência social, em que sempre estará ligado aos sujeitos”. Assim, como pude perceber, a *vinculação* dos moradores e moradoras às relações cotidianas que compõem as dinâmicas da república, aos atendimentos fornecidos pelos grupos de trabalho e às atividades realizadas nos espaços do centro cultural, são essenciais para a construção da Casa 1 como um espaço *pertencentes* à eles/as.

Essa noção de *pertencimento* é mais uma vez evocada nas falas dos organizadores. Aqui ela funciona como uma estratégia para diferenciar o funcionamento da Casa 1 daquele que é visto nas casas de acolhida públicas. Bruno me explicou que nessas casas de acolhida as pessoas só vão para dormir e depois tem que passar o dia todo fora. De modo distinto, ele disse que a Casa 1 busca que seus moradores e moradoras produzam *vínculos* com a Casa, que eles *reconheçam* esse espaço como deles/as. “Então, diferente de outros equipamentos que vão contabilizar números, um punhado de corpos, o nosso exercício é pensar um método que consiga reconhecer as diferenças de cada um e o que a gente pode fazer por cada um”. É claro que os organizadores reconhecem que não necessariamente todo mundo vai sair da Casa com a *melhor situação possível*. Mas que o exercício é reconhecer a busca constante da

melhoria de vida das pessoas, em algum sentido. Por isso, o *pertencimento* é um modo de acolher *desejos, sonhos, possibilidades de vida.*

Outro aspecto importante que compõe a noção de *acolhimento* da república é a *responsabilidade* dada aos moradores e moradores no cuidado e organização desse espaço. Além de ser um modo de estimular as pessoas criarem vínculos com a Casa, essa forma de organização da dinâmica da república é, como me disse Bruno, “um exercício de responsabilizar todo mundo pela vida compartilhada e assim estimular a autonomia e o autocuidado”. O *compartilhar*, então, é uma outra noção que compõe essa ideia de acolhimento produzida pela Casa 1. Nessa dinâmica de vida compartilhada, Dona Maria exerce um papel importante. É ela que coordena e organiza os mantimentos da república, define algumas tarefas e media as relações de conflito. Sempre que converso com moradores/as atuais da casa, ou mesmo com os ex-moradores/as, Dona Maria é lembrada como a pessoa que “ajuda em tudo que a gente precisa”. Dona Maria me disse que estabelece relações muito afetuosas com eles e elas, e que tenta ajudar em “tudo que pode”.

Por ser uma *casa de passagem*, esses vínculos estabelecidos nesse espaço compartilhado no espaço e no tempo, como mostrarei a seguir. As pessoas moram por quatro meses, ou cinco dependendo do casa, na república. A limitação do tempo de moradia é, segundo me disse Bruno, uma tentativa de equacionar os inúmeros pedidos por semana. Trata-se de um cálculo de um tempo médio que eles conseguem *encaminhar* as pessoas. Há um reconhecimento de que esse tempo “nunca vai ser o ideal” e de que “não teremos tempos para lidar com todas as situações de violência que essas pessoas sofreram”, mas que a tentativa de todo mundo envolvido no projeto é “encaminhar de alguma forma as pessoas para uma estrutura de vida e de continuidade da vida”. Essa temporalidade da Casa é, então, um modo acolher o máximo possível de pessoas em uma *situação de vulnerabilidade* e assim, construir junto com essas pessoas uma outra *possibilidade de existir.*

Assim, seguindo as sugestões de Haraway (2004), argumento que os diferentes espaços que compõem a Casa 1 produzem uma forma de co-habitar, ou habitar de modo compartilhado, no mundo. Co-habitar, nesse contexto, acontece a partir de uma ideia de

acolhimento composta de estratégias, dinâmicas e procedimentos específicos. Acolher, nos espaços do centro cultural, é uma tentativa de compartilhar lugares *visíveis, abertos e plurais*. Compartilhar esses ambientes é uma forma de produzir *pertencimentos* à uma comunidade e lugares de *segurança* às pessoas que os co-habitam. E, acolher, no espaço da república, é uma tentativa de compartilhar um lugar seguro e privado, *um lugar que seja a casa deles/as*. Habitar de modo compartilhado é, como argumenta Haraway, um exercício de produzir modos de existências possíveis por meio de alianças provisórias. E é esse exercício proposto por esse lugar que é pretende *ser mais como uma praça, do que como uma prisão*.

Nesse sentido, a Casa 1 pode ser pensada como um lugar onde a vida se desdobra, se modifica, se move (Carsten e Hugh-Jones, 1995). Seus procedimentos e dinâmicas buscam promover uma *outra possibilidade de vida* as pessoas. Um lugar onde as pessoas se sintam *seguras* para viver, um lugar onde as pessoas se reconheçam pertencentes à eles. É nesse lugar, como ouvi algumas vezes dos moradores/as da república, que as pessoas buscam construir outras condições de existir. É onde a vida se movimenta e se transforma. “Se não fosse a Casa, eu nem sei o que seria de mim hoje. Iran e Dona Maria me ajudaram muito”, me disse Bruno em uma das nossas conversas na biblioteca. Leandro veio de Curitiba há uma ano atrás e ficou na casa de amigos por um tempo. Depois de um desentendimento com um de seus amigos, ele foi embora e ficou na rodoviária três dias sem ter dinheiro pra voltar pra Curitiba. Foi aí que uma amiga dele contou da Casa 1 e ele entrou em contato com os organizadores. “Peguei o metrô e vim parar aqui com minhas malas. Me arrisquei né? Não tinha outra opção. Já estou aqui a quatro meses, consegui um emprego com ajuda do Junior e começo em dezembro. Vou procurar um lugar pra morar depois que começar trabalhar. Eles me ajudaram bastante.”.

As relações que eles e elas estabelecem no interior da economia cotidiana são importantes para entender os processos de mudança promovidos na e pela Casa 1. São por meio dessas relações de afeto, amizade, conflito e cuidado que outras possibilidades de vida também passam a existir. E são esses vínculos que buscarei explicitar a seguir.

Amizade, amor e cuidado: produção de relationalidades na república de acolhimento

Como disse anteriormente, a república de acolhimento é um lugar restrito à seus/as moradores/as e por isso não posso entrar nesse espaço. Minhas descrições sobre as relationalidades e as dinâmicas que são estabelecidas nesse lugar são decorrentes das conversas que tive com as moradoras e moradores, ou ex-moradores/as, em outros espaços, especialmente na biblioteca comunitária e na sala que distribui os paliativos. Inspirado pelas discussões teórico-metodológicas de Strathern (1991), buscarei explicitar que imagens tornadas visíveis nas narrativas das moradoras e moradores, e ex-moradores/as, compõem a economia doméstica dessa república. A escolha em ficar nesses dois lugares num primeiro momento, foi feita por se tratar de espaços que os moradores/es circulam com maior frequência e também porque, como me disse Bruno, “não adianta eu apresentar você pra eles, não vão te reconhecer como parte desse lugar, é preciso que você se faça presente, que participe das dinâmicas da Casa”.

Meu primeiro contato com um morador se deu quando Daniel estava varrendo a frente do galpão e eu ajudei ele a recolher o lixo. Depois de nos apresentarmos e eu contar do que se tratava minha pesquisa, ele me explicou como era a configuração do espaço da república. Ela tem uma parte central em que são distribuídas beliches e outros móveis, uma cozinha, a área da lavanderia e dois banheiros. Os moradores e moradoras fazem a divisão da tarefa da república por meio de uma disposição em grupos. Um grupo é responsável por cozinhar, outro por lavar a louça, outro por lavar os banheiros e outro por limpar o quarto maior. Essas tarefas são realizadas cotidianamente e os grupos alternam as funções. Leandro me disse que “na maioria das vezes essa distribuição de tarefas funciona bem, mas as vezes rola umas brigas entre as bixas”. Os conflitos acontecem especialmente devido a formação de *grupinhos* e as *brigas* que eles geram entre si. “Às vezes eu tenho vontade de matar essas bixas, tem um grupinho que não gosta de mim e quando eles cozinham não me deixam comida”.

Outro conflito muito frequentemente que foi dito por vários moradores/as é o roubo de objetos pessoais, principalmente celulares. E isso acontece muito quando alguém de um grupo briga com uma pessoa de outro grupo. Em um dos casos que eu

escutei, dois moradores haviam discutidos porque o celular de um deles tinha sumido e a pessoa que tinha sido roubada acusou um morador específico. Um outro morador que *estava tendo um caso* com o morador que havia sido roubado pegou o celular da pessoa que estava sendo acusada. Isso gerou uma confusão generalizada na república. Leandro me disse que existe um *grupinho* “que cria confusão o tempo todo”. “As bixas de agora não são como as outras quando eu entrei. Elas não respeitam ninguém, as outras moradoras respeitavam o espaço de cada uma”. As *brigas* são bastante comuns na economia cotidiana desse espaço e geralmente são resolvidas entre eles/as. Só há intervenção dos organizadores quando uma briga ganha grande proporção.

Esses *grupinhos* são parte importante das dinâmicas e relações que fazem parte da co-habitação. No entanto, eles não produzem apenas conflitos mas também vínculos *amorosos*, de *amizade* e de *cuidado*. É muito comum em nossas conversas eles dizerem que fizeram *amizades que vão levar pra vida*. As relações de cuidado e de amizade são lembradas o tempo todo para se referir às relações cotidianas estabelecidas no espaço da república. Alice me contou que no processo de transição de gênero “as suas amigas estavam sempre ali pra ajudar ela”. “Foi muito importante pra mim a ajuda delas, meu corpo sofria algumas alterações que foram difíceis e as bixas me ajudaram pra caramba. Eu amo muito elas”. Apesar da temporalidade da co-habitação desse espaço ser restrita a quatro meses, as relacionalidades que são produzidas nesse espaço são mantidas para fora desse convívio compartilhado, seja no tempo ou no espaço. Utilizo aqui o conceito de relacionalidades de Carsten (2000) porque, como argumenta a autora, ele amplia a possibilidade para analisar as relações de amizade, afeto e afinidade, sem com isso excluir, necessariamente, as relações de parentesco. E nas relações cotidianas desse espaço da república se produzem relações amorosas (*os casos entre as bixas*), relações de amizade *que são levadas pra vida* e relações de cuidado.

Assim, essas relacionalidades produzem uma dinâmica muito específica a convivialidade e domesticidade desse espaço. Mesmo as pessoas que não são tão amigas ou que já teve algum tipo de *briga* buscam produzir um espaço compartilhado que não atrapalhe o *convívio de todo mundo*. Apesar das *brigas*, pelo que pude perceber, há um esforço constante de tornar a república um espaço em que todas e todos se *sintam bem*. Além disso, esses vínculos são expandidos para fora desse espaço doméstico.

Aline, uma ex-moradora da Casa, me contou que quando ela e suas amigas entregavam currículos, elas deixavam o currículo de acordo com a quantidade de vagas. Então, se um lugar tivesse só uma vaga, elas entregavam o currículo de uma e “continuavam andando pra encontrar outros lugares pra deixar o currículo”. “Era assim que a gente tentava uma ajudar a outra”, me disse ela.

Há, assim, uma continuidade dessas relacionalidades em outras dinâmicas espaciais: algumas pessoas vão morar juntos, trabalham no mesmo lugar, se encontram ocasionalmente em outros espaços ou mesmo visitam seu amigos/as que ainda continuaram morando na república. E, como disse acima, essa continuidade também atravessa a temporalidade *do morar junto* na república. É inevitável lembrar das famílias de gays e lésbicas descritas por Weston (1992) no contexto americano. A autora argumenta que os “laços de sangue” são descritos como temporários e incertos devido ao processo de expulsão de casa dessas pessoas por seus familiares, enquanto as “famílias escolhidas” de amigos estabelecem vínculos - de amizade e amor - mais seguros e duradouros. Não quero com isso argumentar que elas relacionalidades forjadas na república de acolhimento por seu moradores/as produzam “famílias escolhidas”. Por hora, evoco a etnografia de Weston apenas para mostrar que as relações de afeto e de amizade estabelecidas pelas pessoas da Casa são componentes essenciais em seus modos de estruturar e significar a continuidade de suas vidas após sofrerem o processo de expulsão.

Mesmo entre as pessoas que voltam a morar com seus familiares, a continuidade das relações com *essas bixas que eu amo*, são sempre enunciadas nas nossas conversas. Numa das manhãs que estava ajudando catalogar os livros na biblioteca, Rodrigo chegou com Léo carregando algumas mochilas e malas. Assim que ele se despediu de Léo, sentou em uma cadeira e me disse já que estava indo embora. Me contou que tinha conseguido um emprego no shopping em Osasco e que ia morar com a avó e que ano que vem moraria num apartamento com a irmã. Em meio a nossa conversa, Felipe, outro morador da casa, chegou para se despedir dele. Rodrigo deu um abraço nele e disse que voltaria sempre para ver as pessoas em seu momento de folga. Assim que Felipe foi embora, Roger me contou que havia feito muitos amigos ali e que adorava essa bixa, se referindo ao Felipe. “Eu vou conseguir um emprego de modelo pra ele, eu

tenho um amigos que trabalham com isso é vou ajudar ele. Ele se tornou um amigo muito querido”. Essa preocupação em ajudar o outro a conseguir um emprego para o amigo e em voltar para visitar os amigos e amigas que ficaram na casa são ditas o tempo todo nas conversas que eu tive, tanto com os moradores/as que estavam saindo ou próximo de sair, como com o ex-moradores/as que voltavam ali para rever os amigos/as.

Assim, as relações que são estabelecidas no interior desse são expandidas para fora das relações cotidianas desse espaço doméstico. Essas relações extra-domésticas produzem outros modos de co-habitar outros espaços. As relações de *amizade*, de *amor* e de *cuidado* passam a implicar outras dinâmicas e processos. Além desse deslocamento espacial das relações, elas também permanecem contínuas no tempo. Como me disse Rodrigo, “as amigas que eu fiz aqui, eu quero levar pra vida”. A *continuidade da vida* dessas pessoas tem como um componente importante a continuidade das relacionalidades que foram forjadas no espaço da república de acolhimento. Assim, é possível dizer, que esse espaço da Casa 1 é um local que produz uma multiplicidade de relacionalidades que forjam uma noção de “casa” específica. Essa “casa”, seguindo a sugestão de Carsten e Hugh-Jones (1995, p. 2), pode ser pensada como um lugar que possui “densas teias de significações e afetos, e serve como modelos cognitivos básicos usados para estruturar, pensar e experienciar o mundo”.

Para além do tempo da casa: a continuidade da produção de outros *modos de existir*

Como disse acima, um dos esforços da Casa 1 é construir possibilidades de *existir* para as pessoas em *situação de vulnerabilidade*. O que está em jogo é a produção de um mundo mais habitável para essas pessoas. Tentei mostrar no tópico anterior, que os vínculos que as pessoas estabelecem entre elas no interior da república de acolhimento é expandida para as relações construídas em outros espaços. Aqui, quero mostrar que essas relações de amizade e de afeto possibilitam a continuidade das relações de *cuidado* e de *ajuda* entre os moradores/as para além da temporalidade da república. Roger me disse, na mesma conversa que descrevi acima, que “apesar de estar indo embora, vou sempre ajudar as pessoas que eu gosto daqui”. Conseguir o emprego

de modelo para o outro morador é o esforço permanente de *ajudar essas bixas que eu amo* e esse esforço é o que possibilita a continuidade da busca por *outros modos de viver*. São esses vínculos um dos componentes importantes para construção permanentemente da *continuidade da vida* dessas pessoas.

Alice me contou que sua chegada na Casa 1 aconteceu após ela ter começado o processo de transição de gênero:

“Logo depois que comecei a tomar hormônio fui expulsa de casa. Fiquei na casa de um e de outro até chegar na Casa 1. A gente chega sem emprego, sem casa, sem roupa, sem nada, né. Todo esse processo que a gente passa, marca a nossa vida pra sempre. Não adianta falar que vou esquecer porque a gente não esquece essas coisas que marcam tanto. Eu posso estar sorrindo, porque graças a Deus é uma coisa natural e a gente tem que sorrir sempre, mas eu não vou esquecer o que eu passei. Não desejo pra ninguém, enfrentar preconceito, perder família, ter que ser forte o tempo todo. E não adianta falar que você não precisa ser forte a todo momento. Desculpa, mas se você é trans, tem que ser forte sempre. Não adianta ser uma pessoa que chora por tudo. É claro que a gente chora pra caralho, mas agora não choro o tanto que eu chorava. No começo eu chorava muito, mas era por desespero. Mas agora eu tô bem, consegui um emprego, quero voltar a estudar, fazer jornalismo. A casa me ajudou muito nisso e agora eu quero ajudar todas as pessoas trans a conseguir um emprego legal, ficar bem, principalmente minhas amigas daqui”.

Ela me contou que tinha conseguido um emprego no Starbucks, que tava muito feliz e que era a primeira mulher trans contrata daquela unidade. A conquista desse emprego era uma oportunidade de ter uma vida *mais estável* e de poder voltar a estudar e se *tornar uma grande jornalista trans*. Alice disse que esse emprego também significava uma abertura para que “outras pessoas trans como eu tivesse uma oportunidade de aprender, de ter um emprego”. Ela foi convidada pela Starbucks para fazer uma campanha publicitária de Natal. “Quando fui convidada pra contar minha história, eu percebi que era oportunidade de falar não só da Alice, mas as histórias varias outras pessoas como eu”, contou Alice. Ela entende que a aparição dela nesse

vídeo dará *mais emprego para outras mulheres e homens trans*, seja na própria Starbucks seja em outros lugares.

Alice entende seu emprego e as oportunidades que estão surgindo nele como uma maneira de construir outras possibilidades de vida melhores para *pessoas como ela*. Ela me disse, em vários momentos da nossa conversa, que ia *lutar muito* para que as pessoas não passassem pelo que ela passou e para conseguir ajudar elas na busca de oportunidades de emprego. “Sabe Jesser, eu sou muito feliz sendo trans, aceitando o jeito que eu estou. Você perde muito, mas você ganha as coisas que são importantes pra você ser feliz. Eu sou feliz em saber que sou diferente e espero que outras pessoas como eu tenham a oportunidade que eu tive, que seja algo natural e não uma sorte”. O mundo só se tornaria um lugar melhor, disse ela, “se as pessoas que fosse respeitadas e tivessem mais oportunidades”. Nesse sentido, argumento que os vínculos afetivos produzidos na casa são uma possibilidade de ajuda ou apoio para a construção da estruturação da vida dessas pessoas.

Como mostrei no começo desse texto, um dos desafios da Casa 1 é construir estratégias que consigam transformar a vida dessas pessoas e assim, possibilitar outros *modos de existir* no mundo. E argumento que as relações de *afeto, cuidado e amizade* produzidas na república de acolhimento são componentes essenciais para a construção desses outros modos de existir. O que Alice mais quer é que as pessoas trans *não sofram* e que tenham *condições de ocuparem vários espaços*. O habitar o mundo de modo compartilhado é expandido para além dos limites de um espaço físico. Co-habitar é uma maneira de produzir modos de existência possíveis por meio dos vínculos que são estabelecidos no espaço da república de acolhimento.

A feitura de outros modos de existir não se limita a essa ajuda para conseguir um emprego. Ela ocorre quando eles e elas vão *morar juntos* depois que saem da Casa 1 ou então quando elas vão trabalhar no mesmo lugar. Leandro me contou que ia começar a trabalhar num bar e que Isa também tinha conseguido um emprego no mesmo lugar. “Eu gosto muito da Isa, ela é a pessoa que eu tenho mais contato aqui e trabalhar juntos vai ser bom pra gente se ajudar no que for preciso”. Desse modo, nas relações de trabalho

os vínculos também são de fundamentais para a produção de uma outra forma de *continuidade e estrutura de vida*.

Essa *continuidade da vida* pode ser produzida também em relações entre os moradores/as e outras pessoas que co-habitam os outros espaços da Casa 1. Matheus chegou um dia na biblioteca comunitária e sentou pra esperar seus amigos da república. Começamos a conversar e ele me contou que já tinha morado na república mas que agora estava trabalhando e tinha voltado pra casa da mãe. Minutos depois, Dona Caetana chegou na biblioteca e abraçou entusiasmada o Matheus. Eles começaram a conversar sobre a vida deles, sobre o trabalho do Matheus, sobre a relação dele com a Mãe, sobre a filha de Dona Caetana que estava com um problema grave de saúde, sobre a ida de Matheus a igreja. No meio da conversa deles, Dona Caetana olhou para mim enquanto abraçava Matheus e disse: “esse menino é como se fosse meu filho, eu amo muito ele, dei um monte de conselho quando ele morava aqui e agora estou muito feliz que ele tá bem”. Depois de se despedirem, Matheus me contou que Dona Caetana era voluntária da Casa quando ela morava lá e que no *pior momento de sua vida*, ela ouviu ele e ajudou muito ele. “Hoje eu estou indo na igreja porque ela me pediu bastante pra ir, eu coloco tudo na mão de Deus e as coisas estão dando certo”. A relação afetuosa estabelecida entre Dona Caetana e Matheus, ajudou ele construir uma outra forma de *continuidade de sua vida*.

São os vínculos, portanto, entre os moradores e moradoras que produzem relações de *afeto, amizade e cuidado* e que promovem uma dinâmica doméstica específica. Relações essas que expandem para outros espaços de convivialidade e que permanecem para além do tempo de moradia da república. São esses vínculos também, incluindo os vínculos com outras pessoas, que propiciam a construção de outras formas de continuidade e de estruturação da vida dessas pessoas. Modos de existência que implicam as pessoas em relações permanentes e potentes. Se como mostrar anteriormente, a Casa 1 se propõe a ser *mais uma praça do que uma prisão*, onde as pessoas co-habitam o mundo de modo compartilhado, procurei argumentar que os vínculos que se estabelecem no interior desse espaço da república são essencial para esse objetivo.

Referências bibliográficas

ALVES, Yara de Cássia. A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e casa entre os moradores de Pinheiros-MG. Dissertação de Mestrado. USP. 2016.

BOURDIEU, Pierre. "A Casa Kabyle ou o mundo às avessas." Cadernos de Campo (São Paulo, 1991) 8.8 (1999): 147-159.

CARSTEN, Janet. Cultures of relateness: new approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. Introduction: About the House – Levi-Strauss and Beyond. In: CARSTEN, Janet e HUGH-JONES, Stephen. About the House: Levi-Strauss and Beyond. Cambridge University Press. 1995.

ELLEN, Roy. Microcosm, Macrocosm and the Nuaulu house: Concerning the reductionist fallacy as applied to metaphorical levels. Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde 142 (1):1-30. 1986.

HARAWAY, Donna Jeanne. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: Antropologia do ciborgue: as vertingens do pós-humano/ organização e tradução Tomaz Tadeu- 2 ed – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2009 [1985].

_____. *Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan@_Meets_Oncomouse*. New York and London: Routledge, 1997.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n.37, pp. 25-44, jan/jun. 2012.

STRATHERN, Marilyn. *Partial Connections*. Savage, Maryland: Rowman and Littlefield. Re-issued by AltaMira Press, Walnut Creek, CA. 2004 [1991].

WESTON, Kath. *Families We Choose*. New York: Columbia University Press. 1992.